

PARADOXO TECNOLÓGICO (Gazeta Mercantil, 06/09/1999)

Mudanças significativas, em termos de natureza e objetivos, estão acontecendo nas políticas internacionais de suporte à Ciência e Tecnologia. Se no pós II Guerra Mundial observou-se uma tendência crescente em direção ao suporte público às chamadas áreas da BIG SCIENCE, freqüentemente consideradas estratégicas, como a pesquisa militar, a pesquisa energética (atômica), aeronáutica, nos anos recentes o ambiente de suporte à Ciência e Tecnologia tem mudado para um perfil mais voltado para a noção do “suporte à pesquisa pré-competitiva”, fundamentalmente em setores chave como a microeletrônica e a biotecnologia.

Esta mudança desloca o eixo das preocupações do tradicional enfoque da “oferta de tecnologia” (technology push) para o dos programas “dirigidos pela demanda” (demand pull). Esta mudança tem como pressuposto uma maior aceitação do papel crucial dos *beneficiários* dos programas de Ciência e Tecnologia, bem como o reconhecimento de que *sucesso técnico* não necessariamente implica em *sucesso econômico e bem-estar social*.

A Comunidade Européia é a região do globo que mais está explicitamente reconhecendo estas mudanças. A razão é simples, porém de complexa natureza. Ela está reconhecendo, acima de tudo, sua **FALHA** (Europe's failure) em desenvolver novos produtos e novas empresas baseadas em tecnologia, ou, como os europeus estão chamando, o *Paradoxo Tecnológico Europeu*: excelência e pujança em pesquisa básica e fundamental que não se translada (ou se transforma) em excelência e sucesso comercial.

O Brasil, um país que detém uma participação ainda minoritária no grupo daqueles que contribuem para a Ciência e Tecnologia mundiais, também apresenta este mesmo Paradoxo Tecnológico. Mesmo contando com excelentes centros de pesquisa científica, e com pesquisadores de renome internacional, esta excelência não tem se refletido em novos produtos e novas empresas baseadas em tecnologia com importância internacional. A Embraer é sempre lembrada como uma das raríssimas exceções.

O caso de Pernambuco não foge à esta regra. Há poucos dias o ex-Ministro de Ciência e Tecnologia Luiz Carlos Bresser Pereira, conhecedor do Paradoxo Europeu, visitou Pernambuco e expressou (sem comunicar ao público que ele estava se referindo à versão brasileira do Paradoxo Europeu): “Pernambuco tem Ciência mas ela não tem contribuído para sua Economia”.

Colocando o ex-Ministro no seu lugar na História, e tentando superar o mal que ele causou com suas “pouco ponderadas” palavras em relação à Ciência do Nordeste, o que lhe custou um Ministério, não podemos nos furtar de uma reflexão sobre a necessidade de enfrentar a questão do Paradoxo Tecnológico nacional, e o de Pernambuco em particular.

Por ironia do destino, a percepção desta questão e a tentativa de sistematização de ações voltadas para a superação deste paradoxo em Pernambuco, têm sido propostas (pelo menos na visão deste articulista) por um paraibano, o Secretário de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente Cláudio Marinho. A primeira vez que esta “leitura do paradoxo” foi levada ao público, foi por ocasião da visita do ex-Ministro Bresser Pereira à Pernambuco, em julho próximo passado. Ainda que o público tenha sido bastante diminuto, foi ali que se apresentou pela primeira vez um conjunto básico, e abrangente, de propostas que apontam para a superação do Paradoxo Tecnológico de Pernambuco. A segunda apresentação foi neste dia 20 de agosto, no gabinete do novo Ministro da Ciência e Tecnologia, Embaixador Ronaldo Sardenberg.

E este conjunto básico de propostas pode ser traduzido aqui brevemente pela missão da atual gestão da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio-Ambiente - SECTMA : “difundir tecnologias relevantes para o desenvolvimento sustentável de Pernambuco” (os instrumentos que estão sendo analisados e postos em ação para o cumprimento desta missão serão, por exiguidade de espaço, apresentados em outro artigo).

Neste dia 26 de agosto a FACEPE, Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco, fundação pertencente à SECTMA (juntamente com o ITEP-Instituto Tecnológico de Pernambuco e a CPRH- Empresa Pernambucana de Meio Ambiente) dá mais um passo em direção à superação deste paradoxo tecnológico. Neste dia será empossado o novo Diretor Científico e Tecnológico da FACEPE, Prof. Ivon Fittipaldi, nomeado pelo Sr. Governador Jarbas Vasconcelos, o qual respeitou a indicação, através de eleição, do Conselho Superior da FACEPE. Sua missão não será simples, uma vez que o fomento público tradicional, tanto estadual como federal, vem passando por severas limitações. Ela envolverá o entendimento de que o problema central do suporte à Ciência e Tecnologia em Pernambuco não passa única e exclusivamente pela “caneta do Governador”. Ela deverá contemplar a compreensão de que o problema está mais relacionado com as questões do fraco desempenho econômico recente do Estado. Ou seja, não se trata apenas de uma questão de “orçamento”, mas sim de problemas que afetam os fatores determinantes da dinâmica econômica do Estado.

Em resumo, temos muito que aprender com os europeus. E, acima de tudo, reconhecer humildemente, como eles, que estamos falhando, mas que temos que condições, como eles, de superar esta falha.

José Carlos Cavalcanti, Professor do Depto. de Economia da UFPE e Presidente da FACEPE

